

La Comédiathèque



O CUCU



Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

O Cuco

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Em véspera de Natal, o retorno inesperado de um avô que se pensava estar morto perturba a rotina de uma família aparentemente normal. Uma comédia absurda e cruel sobre os laços familiares. Vá diretamente para o inferno... ou tire uma carta de sorte!

Personagens

Pedro

Julia

Fausto

Nina

© La Comédiathèque

Ato 1

Uma sala com vista para um terraço. Algumas decorações de Natal, mas não há uma árvore de Natal. Julia, com cerca de quarenta a cinquenta anos, está sentada em uma poltrona lendo um jornal com uma manchete sobre a erupção de um vulcão islandês que perturba o tráfego aéreo. Pedro, seu marido, da mesma idade, cuida de uma planta em um vaso. Ele a rega, pulveriza, poda... Sem mais ideias, ele se acomoda em outra poltrona. Silêncio. Um relógio de parede com um cuco antigo, colocado entre eles, canta três vezes.

Pedro – O cuco sempre canta três vezes...

Julia – Que horas são?

Pedro – Não sei. De qualquer forma, não são três.

Julia – Deveríamos consertá-lo.

Pedro – Ou nos livrarmos dele. Quando é a coleta de objetos volumosos?

Julia – É a única coisa que você tem da sua família.

Pedro – Sim, mas ainda é muito volumoso...

Um momento de silêncio.

Pedro – O clima em dezembro é incrível.

Julia – É o veranico de São Martinho.

Pedro – Natal na praça, Páscoa em casa...

Julia – De qualquer forma, felizmente não planejamos viajar hoje. Você leu isso? Todos os aeroportos estão fechados.

Pedro – Parece que voltamos à época das caravelas. Agora temos que esperar os ventos favoráveis para um avião decolar.

Julia – Tudo por causa de um vulcão cujo nome nem conseguimos pronunciar.

Pedro – Como o do diabo...

Julia – Desculpa?

Pedro – Também não podemos pronunciar o nome do diabo! Isso mostra que há algo diabólico nessa história.

Julia – Bem, não é o fim do mundo.

Pedro – Me pergunto se os milenaristas estão certos. E se o apocalipse realmente fosse em 25 de dezembro deste ano?

Julia – Por causa de uma erupção vulcânica?

Pedro – Foi assim que começou para os dinossauros também!

Julia – Nunca deveríamos acordar um vulcão adormecido...

Pedro – E agora, o que fazemos?

Julia – Esperar pelo fim do mundo?

Pedro – Quando o passarinho deixar o ninho...

Julia – Tem um ninho? Onde?

Pedro – É uma metáfora! Estou falando da Nina, nossa filha! Quando ela realmente se for, e nos deixar sozinhos nesta casa com um quarto vazio.

Julia – Ela não está indo embora para sempre. E está apenas indo para Lisboa. Ela vai voltar.

Pedro – Sim, em trânsito.

Julia – Prefiro não pensar nisso. Não ainda...

Pedro – Mais de vinte anos de nossos dias foram marcados por ela. Nossa vida girou em torno dela. O que ela comeu? O que vai comer? O que ela fez? O que vai fazer? Teremos que nos acostumar com a ideia de que agora, nossa única filha sabe se alimentar e usar o banheiro sozinha.

Julia – Teremos que encontrar outras referências, criar novos hábitos.

Pedro – Como fazíamos antes?

Julia – Nem me lembro.

Pedro – Teremos que aprender de novo.

Julia – Mas nunca será como antes.

Pedro – Então teremos que nos reinventar.

Julia nota o vaso.

Julia – Você está plantando algo?

Pedro – Apenas um ou dois pés de cannabis, para consumo próprio.

Julia – Sério?

Pedro – Dissemos que precisávamos mudar nossas referências, não é? Fumar um baseado de vez em quando deveria pelo menos nos ajudar a nos livrarmos de nossos antigos hábitos. (*Ela o olha surpresa.*) Estou brincando, são apenas tomates cereja. Eu os encontrei na floricultura.

Julia – Na floricultura? É muito gentil da sua parte, mas não era necessário. Espero que você não tenha gasto muito...

Pedro – Dez euros. Eu ia comprar uma árvore de Natal, mas dizem que os tomates cereja têm um rendimento incrível. Muito melhor do que o abeto, de qualquer forma. Você viu o preço dos tomates cereja? Quase tão caros quanto a cannabis.

Julia – E além disso, é legal...

Pedro – Se realmente me demitirem do banco, sempre posso me dedicar ao tráfico de tomates cereja.

Julia – Hmm...

Pedro – Bem, por enquanto ainda não colhi nada, mas comprei há uma hora.

Julia – Sim, e ainda estamos em dezembro.

Eles permanecem em silêncio por um momento.

Pedro – Veja, nem sei se devo temer ou esperar essa demissão.

Julia – Pode ser uma oportunidade para evoluir...

Pedro – Ou o começo do fim, como para os dinossauros. Eles não conseguiram evoluir...

Julia – Temos como seguir em frente. Você receberia uma indenização. Além disso, eu trabalho.

Pedro – Eu sei. Isso é o que me deprime. Há vinte anos, não tínhamos nada e não temíamos nada. Muito menos o futuro. Hoje, temos uma casa, dois carros, um seguro de vida para cada um... Temos tudo e tememos tudo. Até vulcões. Nos tornamos dinossauros, eu te digo...

Um momento.

Julia – Finalmente, teria tempo para escrever o seu romance. Você fala dele há anos. Qual era o nome dele, aliás?

Pedro – "Memórias de um amnésico".

Julia – É um bom título.

Pedro – Infelizmente, desde então, já foi usado.

Julia – Você poderia chamá-lo de "Memórias de um dinossauro"...

Pedro – Esse também já foi usado. Todos os bons títulos já estão ocupados. Percebe? Se ao menos eu tivesse nascido cem anos antes, poderia ter intitulado meu livro "Livro do desassossego". Com títulos assim, obviamente teria sucesso.

Julia – Isso tira sua vontade de escrever...

Pedro – Enquanto isso, melhor não desistir da ideia do cultivo na varanda. Caso minha indenização de demissão não esteja à altura de nossas expectativas.

Julia – Você está tão preocupado assim?

Pedro – Por que você acha que comprei uma planta de cultivo em vez de uma planta de cannabis?

Julia – Porque não vendem plantas de cannabis na floricultura?

Um som desagradável de flauta com muitas notas falsas é ouvido.

Pedro – O que é isso? É horrível! Como você espera que eu possa escrever o próximo Prêmio Camões nessas condições?

Julia – A filha da vizinha... Nina também estava aprendendo a tocar flauta quando estava na escola. Você não se lembra?

Pedro – É verdade. É incrível. Ontem ela ainda estava aprendendo a tocar flauta, e hoje é advogada. Embora bem, seja mais ou menos a mesma coisa...

Julia – O que você quer dizer?

Pedro – Um advogado também toca flauta.

Julia – Muito engraçado...

Pedro – De qualquer forma, se algum dia descobrirem plantações ilegais em nossa varanda, sempre poderemos ligar para ela desde a nossa primeira hora de custódia. Não é reconfortante?

Julia (*olhando para a planta com suspeita*) – Você jura que é realmente uma planta de tomates cereja?

Nina chega arrastando uma mala com rodas. É uma jovem de cerca de vinte anos com uma aparência esportiva.

Pedro – Então você está indo embora? Vai nos deixar sozinhos aqui, como dois velhos rabugentos... Finalmente teremos um pouco de paz.

Nina – Também estou esperando por isso.

Pedro – Estávamos falando de você. Eu estava dizendo à sua mãe que se algum dia descobrirmos um cadáver enterrado em nosso jardim, você sempre poderá nos poupar problemas com a polícia.

Nina – Sério?

Pedro – Nós fomos quem pagou pelos seus estudos!

Julia – Você realmente não quer que a gente a acompanhe até Lisboa?

Nina – Não é necessário, mãe, eu garanto. Rosário vai me buscar de carro.

Pedro – Rosário? Quem é Rosário?

Julia – A... colega de trabalho da Nina com quem ela vai dividir o apartamento, você sabe.

Pedro – Não... Não me contaram... E quantos anos tem essa Rosário?

Nina – O que importa? Você é da polícia?

Pedro – As pessoas ainda têm o direito de chamar sua filha de Rosário? Não é proibido?

Julia – Os aluguéis são tão caros em Lisboa... Você tem certeza de que não esqueceu nada?

Nina – Se eu esqueci alguma coisa, voltarei. Não estou indo para o fim do mundo. *(Para Julia)* Deixo as chaves com você? Para a mulher da limpeza...

Pedro – Claro, deixe suas chaves na recepção ao sair. Você pegou algo do minibar?

Julia – Eu lhe juro, você deveria escrever seu livro. Se você colocasse por escrito todas as bobagens que diz, poderia ser uma série de volumes...

O telefone toca dentro de casa.

Pedro – Vou atender. Prefiro não presenciar suas comoventes despedidas.

Pedro sai.

Nina – Parece completamente deprimido...

Julia sorri.

Julia – Sua pequena está deixando a casa. Isso o faz sentir-se mais velho, claro...

Nina – Eu não estou indo embora para sempre!

Julia *(quase chorando)* – Sim, eu disse a ele... É verdade?

Nina – Claro!

Nina abraça sua mãe para consolá-la. Cena emocionante. Em seguida, elas se soltam do abraço. Nina entrega a sua mãe um pedaço de papel.

Nina – Aqui, anotei o endereço e o código do prédio. Venha quando quiser!

Julia – Obrigada... *(Julia guarda o papel em uma gaveta e tira uma pistola.)* Ah, a propósito... Eu a encontrei embaixo da sua cama enquanto fazia a limpeza. Você não deveria deixá-la por aí...

Nina – Desculpe, era para que papai não visse. Supostamente, eu nunca devo me separar dela, nem mesmo em casa.

Julia – Dê lembranças a Rosário por mim...

Nina – Está bem.

Julia – Embora um dia você terá que contar isso ao seu pai...

Nina – O quê?

Julia – Que você passou no teste para entrar na polícia, não no para a magistratura. Por que você não disse a ele?

Nina – Tinha medo de que ele ficasse desapontado... Era a última chance dele me ver usando um vestido pelo menos uma vez na vida...

Julia – A Guarda Nacional também está bem.

Nina – Mãe, é a polícia...

Nina se aproxima para pegar a pistola, mas para em frente a uma planta de tomate cereja.

Nina – O que é isso?

Julia – As plantações do seu pai. Tomates cereja...

Nina (*não convencida*) – Ah, sim...?

Pedro retorna com um telefone sem fio na mão. Julia esconde rapidamente a pistola embaixo do sofá. Pedro entrega o telefone a Nina.

Pedro (*para Nina*) – Para você. Rosário...

Nina – Obrigada... (*Nina sai com o telefone.*) Alô? Sim, Rosário...

Pedro – Ela tem uma voz estranha, não?

Julia – Quem?

Pedro – Essa Rosário!

Julia – Que tipo de voz?

Pedro – Não sei... Não muito feminina.

Julia – Ela não é uma aeromoça, você sabe.

Pedro – Sim, eu imaginava... A questão é: o que alguém pode fazer na vida quando se chama Rosário? É um verdadeiro obstáculo para conseguir emprego. O que ela faz para viver?

Julia – Ela é... uma colega de trabalho da Nina, eu já te disse. Elas estão fazendo estágio juntas.

Pedro – O estágio de advogadas? Em qual escritório?

Julia – Você não vai conhecer... É americano...

Pedro – No entanto...

Julia – Smith e Wesson, eu acho...

Pedro – Ah, sim... Me soa vagamente familiar.

Uma sirene de polícia é ouvida brevemente na rua. Nina retorna.

Nina – Rosário está me esperando embaixo. Eu tenho que ir...

Julia – Você ainda vai jantar no Natal?

Nina – Claro! Eu disse isso. Vou trazer o peru...

Pedro – Você pode até trazer Rosário, se quiser.

Nina – Ah, sim? Bem... Mas, por que eu traria Rosário? Nós não estamos casadas, afinal.

Pedro – Você pode me contar tudo, você sabe... Eu sou seu pai... De qualquer forma, eu vou te amar...

Nina – Tudo?

Pedro – Quase tudo.

Nina – Mesmo se acabar que o peru é um papa-figos?

Pedro claramente não entende a alusão.

Julia – Vamos, prossiga.

Pedro – Sim, é isso, apresse-se... Estamos ansiosos para que você tenha ido embora... Há tanto tempo que sonhávamos em ter um quarto de amigos... (*Nina lhe dá um beijo na bochecha.*) Agora só nos resta encontrar amigos. Mas agora que não temos mais filhos para cuidar, teremos tempo para fazer novos...

Nina se prepara para sair com sua mala com rodas.

Julia – Me ligue quando chegar, está bem?

Nina – Não se preocupe.

Nina sai. Eles ficam sentados no sofá, em silêncio.

Pedro – E é isso... Nos tornamos velhos rabugentos.

Julia – Você já era um velho rabugento antes disso.

Silêncio.

Pedro – Quer jogar Monopoly?

Julia – A dois não é muito divertido. Mas podemos jogar uma partida no Natal, como todos os anos. Com Rosário...

Pedro – O que faremos com o quarto dela?

Julia – É uma obsessão! Não há pressa...

Pedro – Poderíamos deixá-lo como está e transformá-lo em um mausoléu. Queimaremos incenso de vez em quando.

Julia – Queremos fazer uma pequena viagem? Ainda tenho muitas férias para tirar. E depois, nas funerárias, após as festas, é baixa temporada...

Pedro – Hmm...

Julia – Quem sabe por quê, as pessoas preferem morrer entre o Natal e o Ano Novo.

Pedro – O que precisamos é de umas férias permanentes.

Julia – Você está me assustando...

Pedro – Se eu for demitido, você também poderia parar de trabalhar.

Julia – Não sei se realmente podemos nos dar a esse luxo... Afinal, ainda temos que pagar o lar de cuidados para sua mãe... A menos que ganhemos na loteria... E o que eu faria então?

Pedro – Não sei... Você poderia finalmente fazer o que quisesse! Você nunca teve vontade de fazer algo mais?

Julia – Você sabe o que me tentaria... Estou pensando nisso há algum tempo...

Pedro – Não.

Julia – Abrir uma pousada...

Pedro – Por que não! Já temos um quarto livre agora...

Julia – Não aqui. No campo!

Pedro (*horrorizado*) – No campo!

A campainha da entrada toca.

Julia – Veja... Eu disse que ela voltaria... Ela provavelmente esqueceu algo...

Julia vai abrir a porta. Pedro estende o braço, pega o jornal e o abre.

Pedro (*lendo*) – Fuga da prisão de Caxias... O prisioneiro consegue escapar apontando uma arma falsa para seus guardas... É estranho, por que esse rosto me parece familiar...

Julia retorna.

Julia – Não é a Nina...

Pedro – Quem é?

Julia – Um homem de certa idade vestido de maneira estranha...

Pedro – Com barba branca e terno vermelho? Eu já imaginava. Quem é esse idiota que estacionou seu trenó bem aqui em uma vaga para deficientes...

Julia – Esse idiota está fingindo ser seu pai.

Pedro – Meu pai?

Julia – Eu pensei que ele estava morto!

Pedro – Eu também...

Julia – Foi o que você me disse! Ele não está morto?

Pedro – Para mim, ele estava... Não o vejo há vinte anos.

Julia – E o que te fez pensar que ele estava morto?

Pedro – Um dia, encontrei ossos no jardim da minha mãe enquanto cavava.

Julia – Sua famosa paixão pela agricultura...

Pedro – Pensei que ela o tinha enterrado lá.

Julia – Ah sim, isso... Isso também teria sido a primeira coisa que eu teria pensado. E você não perguntou a ela?

Pedro – A quem?

Julia – À sua mãe!

Pedro – No começo, não ousei. Não é o tipo de pergunta que se faz facilmente à sua mãe. Ela só me disse que meu pai tinha ido em uma longa viagem...

Julia – E então? Você não se perguntou por que, depois de vinte anos, ele ainda não tinha voltado?

Pedro – Sim, mas... Desde que minha mãe está naquele asilo... Você sabe que ela não lembra mais de nada. Mesmo que a polícia a interrogasse, ela não seria capaz de dizer o próprio nome...

Julia – Bem, não podemos deixá-lo na porta...

Pedro – Por quê?

Julia – Afinal, ele é seu pai...

Julia sai, deixando Pedro desorientado.

Pedro – Mas então, quem era aquela pessoa cujos ossos encontrei no jardim?

Cena preta.

Ato 2

Julia volta com um homem de certa idade, bem-apessoado, vestindo roupas antiquadas e um pouco chamativas, com um presente na mão.

Julia – É realmente gentil da sua parte ter vindo nos visitar. Mas nem sei o seu nome...

Fausto – Fausto. Meu nome é Fausto, minha querida senhora. Mas você pode me chamar de... Fausto.

Pedro – Eu não me lembrava que ele se chamava Fausto...

Momento desconfortável de silêncio.

Julia – Bem, Pedro, você não vai cumprimentar seu pai?

Pedro – Sim, sim, eu... Papai? O que o traz aqui?

Fausto – Mais bem um vento contrário, para ser honesto.

Pedro – Bem... Curiosamente, o oposto teria me surpreendido...

Fausto – Eu tinha um voo para pegar, mas devido a essa nuvem vulcânica...

Pedro (para Julia) – Eu disse a você, havia algo diabólico nessa história do vulcão... As entranhas da terra começam a cuspir fogo, e aqui está meu pai aparecendo depois de sair de sua tumba...

Julia – Então você está em trânsito...

Fausto – Pensei em aproveitar para visitar meu filho... E finalmente conhecer minha nora... e meu neto.

Julia – É uma menina...

Fausto – Ah...

Julia – E você veio em um momento infeliz...

Pedro – Ele acabou de sair definitivamente de casa... Você realmente tem má sorte, se tivesse vindo apenas dez anos antes, poderia tê-la encontrado...

Julia percebe a desconfortável situação e tenta preencher o vazio.

Julia – Mas por favor, sente-se.

Fausto entrega o presente.

Fausto – Aqui, trouxe isso para a menina.

Julia (pegando o presente) – Ah, obrigada! Vou dar a ela assim que a vir. Não tem bagagem?

Fausto – Eu deixei... no guarda-volumes do aeroporto.

Julia – Gostaria de beber alguma coisa?

Fausto – Não quero incomodar.

Julia – Por favor! O que posso oferecer? Raramente fazemos aperitivos.

Pedro – Recebemos poucas visitas... Como temos poucos amigos e não temos família por perto.

Julia – Vinho de ameixa está bom para você? Trouxemos das nossas férias de verão na França. Ainda não tivemos a chance de abri-lo...

Fausto – Vinho de ameixa, perfeito.

Pedro – É bom para o trânsito.

Julia coloca o presente em um canto e sai. Silêncio desconfortável.

Fausto – Então, filho, como você está?

Pedro – Muito bem, obrigado.

Fausto – Você não fica feliz em ver seu velho pai de novo?

Pedro – Sim, sim, mas... Você faz erupção assim de repente...

Fausto – Irrupção. Diz-se fazer irrupção. Erupção é para vulcões.

Pedro – É gentil da sua parte me dar algumas lições de português novamente... Da última vez que o vi, eu acabara de concluir o ensino médio.

Fausto – E você conseguiu, não é?

Pedro – Obrigado por se preocupar com minha educação secundária, mas... onde você esteve realmente nos últimos vinte anos?

Fausto – Não muito longe daqui, na verdade. Apenas a alguns quilômetros em voo de pássaros. Quero dizer em linha reta...

Pedro – Ah, sim... Isso explica por que você nunca veio me visitar antes. Embora, claro, você não seja um pássaro, afinal.

Fausto – Às vezes, eles também colocam pássaros em gaiolas...

Pedro – Até mesmo os velhos trapaceiros, aparentemente...

Julia volta com uma garrafa de vinho de ameixa e três copos em uma bandeja.

Julia – Aqui está... Vai nos refrescar...

Julia serve as bebidas.

Fausto – Obrigado.

Julia – Você percebe? Tomar aperitivo com a janela aberta em pleno dezembro...

Fausto – Natal na praça, Páscoa em casa...

Julia – Sim, é o que meu marido me dizia... Confesso que não conhecia esse provérbio... Então, você é o pai de Pedro.

Fausto – Tecnicamente, sim...

Julia – Suponho que você não mora em Portugal...

Fausto – Não tenho realmente um lugar fixo.

Pedro – Enquanto tivermos saúde...

Julia experimenta sua bebida.

Julia – Está um pouco morno, não está? Vou pegar cubos de gelo, assim ficará melhor...

Julia sai.

Pedro – Então você foi liberado? Não por bom comportamento, imagino?

Fausto – Não exatamente...

Pedro – Você fugiu?

Fausto – É um pouco mais complicado que isso.

Pedro – Já me parece complicado o suficiente...

Fausto – Digamos que tirei vantagem... de uma série de circunstâncias.

Pedro – Bem, bem!

Fausto – Estava prestes a sair do país, mas devido a esse vulcão...

Pedro – Então você se lembrou de que tinha um filho.

Fausto – Dadas as minhas circunstâncias... Seria melhor não dormir em um hotel esta noite. Naturalmente, pensei em você...

Pedro – Naturalmente?

Fausto – Você não entregaria seu próprio pai à polícia?

Pedro – Depende... Há uma recompensa?

Julia volta com um balde de gelo.

Julia – Aqui estão os cubos de gelo!

Com uma pinça, ela coloca gelo nos copos.

Fausto – Obrigado pela sua hospitalidade...

Julia – A propósito, você sabe onde vai dormir esta noite? Se seu voo não puder decolar antes de amanhã...

Pedro lança um olhar furioso.

Fausto – Eu vou dar um jeito.

Pedro – E também não temos muito espaço para recebê-lo...

Julia – Tem o quarto da Nina. Você sempre quis ter um quarto de amigos...

Pedro – Mas... ele não é um amigo.

Julia – Mais vinho de ameixa, Fausto?

Nesse momento, o telefone toca e Fausto tira um telefone celular do bolso, cujo tamanho grande evidencia sua antiguidade. Fausto estende a antena telescópica e atende a chamada.

Fausto – Alô...? (*Para os outros dois*) Desculpem-me... Alô...?

Fausto se afasta para dentro da casa.

Pedro – Por que você ofereceu a ele o quarto da Nina?

Julia – É o seu pai, certo?

Pedro – Eu não conheço esse cara!

Julia – Não tem certeza de que seja ele?

Pedro – Faz vinte anos que não o vejo! Mas não me lembro dele se parecer com isso.

Julia – Claro, as pessoas mudam em vinte anos. Você está começando a perder a memória como sua mãe?

Pedro – Você acha que ele parece comigo?

Julia – Se você não tem certeza de que seja ele, podemos pedir seus documentos...

Pedro – O que eu realmente gostaria é poder revistá-lo.

Julia – Para quê?

Pedro – Para ver se ele está carregando uma arma!

Julia – Ah, sim...

Pedro – O que você acha que está fazendo ali dentro...? Parece um tic-tac, não é?

Julia – Você acha que seu pai viria à nossa casa explodir a si mesmo com uma bomba depois de vinte anos de ausência?

Pedro – Então, o que é?

Julia – É o cuco.

Pedro – O cuco... Você quer dizer, meu pai? Ele também tem o hábito de colocar seus ovos no ninho dos outros...

Fausto retorna com um sorriso um pouco forçado nos lábios.

Fausto – Estou um pouco desconfortável, mas acho que vou aceitar seu amável convite, afinal... Um amigo me ofereceu acomodação, mas acabou de cancelar.

Julia – Sem problema. Você está em casa aqui. Enquanto esperamos o vento mudar...

Fausto – O vento...

Julia – Quero dizer a nuvem radioativa... Quero dizer vulcânica...

Fausto – As nuvens são como os pássaros, não conhecem fronteiras.

Pedro – Mesmo as do espaço Schengen...

O interfone toca. Fausto fica tenso.

Fausto – Esperam alguém?

Julia – Não... Vou verificar...

Julia sai.

Fausto – Há alguma maneira de sair pela varanda?

Pedro – Sim, dá para o jardim.

Fausto – Ah...

Pedro – Sempre pode tentar pular. Mas aviso que estamos no terceiro andar.

Pedro – Ah...

Judith chega com Nina.

Pedro – Ah, é você... Fausto temia que fosse a polícia...

Julia – Nina esqueceu... o celular dela. São tão pequenos agora, nunca se sabe onde os colocou... Pelo menos o dela não corre o risco de perdê-lo! Fausto, apresento-lhe Nina, minha filha... Nina, este é...

Pedro (*interrrompendo*) – Fausto, um sem-teto que acabamos de encontrar na rua... Tinha um cartaz em volta do pescoço que dizia "estou com fome", então o convidamos para o aperitivo...

Julia fica sem palavras com essa mentira, e Nina está claramente surpresa.

Nina – Encantada...

Julia – Fausto vai ficar aqui esta noite.

Nina – Uau... Seu quarto de hóspedes não ficou vazio por muito tempo...

Julia – Gostaria de um pouco de vinho de ameixa connosco?

Nina – Por que não...

Pedro – Tem certeza de que não vai atrasá-la? Rosário vai se preocupar...

Nina – Não estou com tanta pressa...

Pedro – Vou servir. (*Para Julia*) Por que você não mostra o quarto dele ao nosso amigo enquanto isso? (*Para Fausto*) É a suíte da família, você verá que é bem tranquila.

Fausto – Muito bem...

Julia – Você me segue?

Julia sai com Fausto.

Fausto – Senhorita...

Pedro serve uma taça para Nina. Nina olha para o pai com curiosidade. Pedro parece desconfortável.

Pedro – Você não vai beber o aperitivo?

Nina – Quem é esse cara?

Pedro – Eu te disse, é um morador de rua. Ele não sabia onde dormir esta noite, então, como tínhamos um quarto vago...

Nina – Não parece muito o seu estilo, a caridade cristã, não é?

Pedro – Mas é Natal, afinal...

Nina – Você sempre diz que não se importa com o Natal.

Pedro – Bem, exatamente por isso, decidi dar um significado a esta festa que ao longo do tempo se tornou uma celebração indecente do consumismo. Sabia que antigamente, no Natal, se colocava um talher extra para qualquer estranho que viesse bater à porta?

Nina – Como o Papai Noel...

Pedro – Era o "talher do pobre". Dizia-se que era destinado à alma dos falecidos da família, que estavam convidados para a festa.

Nina (*cética*) – Hum...

Pedro – Veja, na verdade, a prova de que ele é um cara legal é que trouxe um presente para você...

Nina olha para o pacote.

Nina – Para mim? Ele me conhece?

Pedro – Parece que ouviu falar de você.

Nina abre o pacote e tira uma pistola que segura nas mãos.

Nina – Uma pistola... Muito bem... Agradeça a ele por mim...

Pedro – Quando você era pequena, sempre brincava de polícia e ladrão... Lembra? Nenhuma de suas amigas queria brincar com você...

Nina – Hum...

Para disfarçar, Nina olha para um artigo no jornal.

Pedro – Um dia, você até trancou a empregada no armário do porão, acusando-a de ter roubado seus doces. Só a encontramos na manhã seguinte...

A atenção de Nina é subitamente atraída por um artigo no jornal.

Nina – Um morador de rua...? A foto dele está no jornal! Você não viu?

Pedro – Não...

Nina – Ele escapou da prisão de Caxias esta manhã! Sabia que o rosto dele me parecia familiar... Deve haver um alerta de busca na delegacia...

Pedro – Ele já tem um advogado?

Nina – Esse cara é perigoso, eu te digo!

Fausto retorna com Julia. Instintivamente, Nina aponta a arma para Fausto, que recua.

Fausto – Desculpe, se eu soubesse, teria trazido uma boneca...

Pedro – Ah, sim, isso teria sido mais apropriado para uma menina. Especialmente para uma menina da sua idade.

Fausto – Fiquem tranquilos, é falsa.

Nina – Incrivelmente bem feita...

Pedro pega o brinquedo das mãos de Nina e o examina.

Pedro – Um guarda de prisão definitivamente ficaria confuso se alguém apontasse isso para o nariz dele... (*Pedro brinca com o revólver, girando-o desajeitadamente em seu dedo como um cowboy, mas o revólver escapa de suas mãos e vai parar atrás do sofá.*) Desculpe, eu não tenho prática...

Pedro se inclina e, por engano, pega o verdadeiro revólver previamente escondido por Julia. Julia é a única que percebe.

Julia – Oh, meu Deus...

Pedro (*para Nina*) – Mas você sabe tanto sobre armas?

Nina – Bem, é que... No meu trabalho...

Pedro – Minha filha é advogada.

Fausto – Ah, ótimo... Um advogado na família sempre pode ser útil...

Julia (*para Nina*) – Acho que este pode ser o momento certo para a sua confissão...

Pedro – Eu sabia!

Nina – Não é nada do que você está pensando, eu juro. Mas por favor, solte essa arma sem fazer movimentos bruscos...

Brincando, Pedro aponta a arma que acredita ser falsa para o pai.

Pedro – Sempre sonhei em fazer isso... Vou ter que discutir isso com meu psicólogo.

Nina – Não!

Pedro acidentalmente aperta o gatilho e ele mesmo se surpreende com o som do tiro.

Pedro – O tiro saiu sozinho... O gatilho é realmente sensível. E que realismo. Até senti o recuo, caramba. Não sei como fazem isso.

Seu pai fica momentaneamente imóvel e depois cai no chão.

Julia – Meu Deus, você acabou de matar seu pai.

Pedro – Sim, é o que eu estava dizendo... Sempre sonhei em fazer isso...

Nina – O pai dele?

Julia – Seu avô...

Nina – Pensei que o avô estava morto!

Julia – Bem, agora ele está...

Nina – Acho que vou dizer a Rosário que não me espere...

Cena escura.

Ato 3

Julia e Nina ficam consternadas diante do corpo de Fausto caído no chão. Pedro parece surpreso.

Pedro – Mas é falso! Vem cá, ele está fingindo para nos fazer rir. Certo, papai?

Nina – É minha arma de serviço.

Pedro – Sua arma de serviço?

Nina – Eu sou policial, papai, não advogada...

Pedro – Policial?

Julia pega a pistola de brinquedo.

Julia – Esta é a falsa.

Pedro – Ups... Acho que meu terapeuta chamaria isso de ato falho.

Nina – Para um ato falho, é bastante bem-sucedido...

Julia – Meu Deus, o que faremos!

Pedro – Poderíamos enterrá-lo no jardim.

Julia – É uma tradição da família?

Nina – Mas não podemos fazer isso! Não é legal!

Julia – Escute, querida, acho que não é hora de ser tão rígida.

Nina – Rígida?

Pedro – É um homicídio involuntário...

Julia – E você mesma disse: é sua arma de serviço! Eu lhe disse para não deixá-la por aí...

Pedro – Ele estava fugindo, ninguém se importaria com o desaparecimento dele.

Julia – Parece que ele ainda está se mexendo...

Pedro – Seria mais humano dar o golpe de misericórdia antes de enterrá-lo, você não acha?

Nina examina Fausto, abrindo sua camisa.

Nina – A bala bateu na medalha dele. Ele só está atordoado com o impacto...

Pedro – Uma medalha?

Nina – Aparentemente de aço.

Pedro – Ele deve tê-la gravado em sua cela para se entreter.

Nina – Com a efígie do Papa...

Julia – Meu Deus, é um milagre!

Pedro – Outro ou dois como esse, e o Sumo Pontífice poderia ser beatificado. Mas eu não sabia que meu pai fosse tão devoto...

Fausto recupera a consciência.

Fausto – O que aconteceu?

Julia – Apenas um pequeno desmaio, avô... Deve ser a emoção... Esses reencontros familiares, obviamente, podem abalar um pouco...

Nina – Mas ele ainda é um fugitivo da prisão.

Julia – De qualquer forma, não podemos entregá-lo à polícia.

Nina – Eu sou a polícia!

Fausto – Pensei que você fosse advogada?

Pedro – Eu também... É engraçado, ontem isso me incomodaria, mas agora estou quase aliviado.

Nina – Ah, é?

Pedro – Isso vai encurtar consideravelmente esse reencontro familiar.

Julia – O que faremos com ele...?

Nina – Roubo com arma, receptação, agora fuga... Nunca encontramos o produto de seu último assalto...

Pedro – Vai lá...

Julia – Mas afinal, ele é seu avô.

Pedro – Não escolhemos nossa família... (*Para Fausto*) Bem, você vai me contar por que veio exatamente?

Um momento.

Fausto – Passei para ver sua mãe antes de vir aqui.

Pedro – E então?

Fausto – Ela não me reconheceu. Acho que já não está em seu juízo perfeito.

Pedro – Eu também tinha o esquecido. E ainda assim, tenho toda a minha cabeça. Esquecer alguém que você não vê há vinte anos é normal, você sabe...?

Fausto – O problema é que... eu gostaria que ela se lembrasse de uma coisa em particular.

Pedro – Conte-me.

Fausto – Ela escondeu o produto de meu último assalto.

Pedro – E agora ela não se lembra mais onde escondeu, é isso?

Fausto – Você tem alguma ideia?

Pedro – Eu?

Fausto – Ela poderia ter falado com você.

Pedro – Mesmo quando tinha toda a sua cabeça, minha mãe não era de falar muito. Ela nem mesmo me disse que meu pai estava na prisão e não enterrado no jardim...

Nina – No jardim?

O relógio cuco canta três vezes.

Julia – E agora, ela é um pouco como este velho relógio cuco. O disco está arranhado.

Nina – Não posso acreditar... Estamos falando do produto de um roubo com arma!

Julia – Quanto?

Fausto – Doze milhões.

Julia – Doze milhões!

Pedro – Ah, sim...

Julia – Isso nos permite fazer planos.

Fausto – Poderíamos compartilhá-lo.

Julia – Uma doação, por assim dizer...

Pedro – Como saldo de contas.

Julia – E, de onde vem esse dinheiro?

Fausto – Do Banco Espírito Santo.

Julia – Se já não existe...

Fausto – Existia naquela época.

Pedro – Antes de meu pai assaltá-lo...

Nina – Então estamos falando de um roubo, certo? Não de um saque em dinheiro...

Julia (*para Pedro*) – Você poderia considerá-lo como uma indenização?

Nina – Mesmo assim, teríamos que encontrar o dinheiro...

Pedro – Não será fácil. Quando colocamos minha mãe naquela instituição especializada, tivemos que vender a casa dela para pagar parte da conta... Não vejo como podemos pedir aos novos proprietários para fazer buracos em seu jardim...

Julia – Aliás, se não era seu pai, quem eram os ossos no jardim?

Nina – Os ossos? Que ossos?

Fausto – O jardineiro encontrou o produto quando estava tentando plantar bambus. Logo depois, ele caiu de uma cerejeira.

Pedro – Um acidente doméstico, de certa forma.

Nina – Ele realmente deu azar.

Fausto – Como ele trabalhava informalmente e não tinha família, sua mãe decidiu cuidar do seu funeral ela mesma. Ela o enterrou aos pés da cerejeira, na mais estrita intimidade...

Pedro – É tão triste não poder contar com uma família amorosa nem mesmo no dia do seu funeral...

Julia – É verdade... Trabalho em uma funerária, e acredite, às vezes seria mais divertido ser enterrado no próprio jardim.

Pedro – Especialmente para um jardineiro.

Fausto – Foi depois disso que sua mãe decidiu esconder o dinheiro em outro lugar, mas não sei onde...

Julia – Onde essa velha louca poderia ter escondido o dinheiro?

Fausto (*para Nina*) – Você não tem ideia de onde sua avó poderia ter escondido esse dinheiro?

Nina – Não... Mas mesmo que soubesse, não diria!

Julia – Vamos pensar um pouco. O que ela poderia ter feito com essa fortuna...?

Pedro – Talvez tenha aberto uma conta secreta na Suíça.

Nina – Você consegue imaginar a vovó abrindo uma conta na Suíça?

Pedro – E teríamos que saber o banco e o número da conta...

Julia – Talvez ela tenha escondido aqui.

Pedro – Afinal, ela passou alguns meses conosco antes que a Julia insistisse em colocá-la na instituição...

Julia – Eu?

Pedro – Sim, claro...

Julia – Oh, bem! Você era aquele que dizia que já não a suportava!

Fausto – Podemos procurar na casa...

Pedro – Não é tão grande... Se houvesse dinheiro escondido aqui, acho que já teríamos percebido.

Julia – A menos que alguém tenha encontrado e decidiu ficar com ele para si mesmo... ou para si mesma.

Nina – Estás a dizer isso por minha causa?

Julia – Não, estava a pensar... na empregada de limpeza, por exemplo. Lembra-se quando era pequena, ela já lhe roubava os seus caramelos...?

Fausto – Talvez ela o tenha levado consigo para sua casa de repouso.

Pedro – Ao sair de casa para vir morar conosco, só quis levar aquele velho relógio cuco que nos incomoda o dia todo.

Julia – Sem mencionar a noite...

Pedro – Claro que na casa de repouso eles não o quiseram. Então a tua avó nos o deixou.

Nina – Talvez para ter a certeza de que pensaríamos nela com nostalgia a cada hora...

Pedro – Se dependesse de mim, já há muito tempo teríamos doado essa antiguidade para a Cruz Vermelha.

Nina – É a única coisa que tens da tua família! Bem, além dos teus pais...

O cuco canta três vezes novamente.

Fausto (*olhando para o seu relógio*) – Que horas são?

Pedro – Quando os enfermeiros vieram buscar a mamã, eram três horas. E desde que ela se foi, o cuco sempre tem tocado três vezes. Certamente para nos fazer sentir culpados.

Julia – Pelo amor de Deus, o cuco!

Nina – O que está acontecendo?

Julia – E se ela escondeu o dinheiro dentro dele?

Todos se viram para o relógio cuco.

Pedro – Não custa nada verificar...

Enquanto Julia procura dentro do relógio, Fausto olha para Nina.

Fausto – Gostas de trabalhar na polícia?

Pedro e Julia continuam a procurar.

Pedro – Não estou a encontrar nada, e você?

Julia – Não... Ah, espera...

Ela tira um saco de lixo e o abre sob o olhar atento dos outros três.

Julia – Um saco cheio de notas...

Pedro – Com certeza isso estava bloqueando o mecanismo às três horas.

Nina – Quanto há?

Fausto – Cerca de 12 mil milhões de pesetas.

Pedro – Pesetas? (*Pedro examina as notas*) Oh, droga, são pesetas!

Fausto – Sim... Isso foi há vinte anos...

Espanto geral.

Pedro – O que vamos fazer com pesetas?

Julia pega o seu smartphone e digita.

Julia – As pesetas já não podem ser trocadas por euros desde 1 de janeiro de 2021.

Pedro (*para Fausto*) – Então, estamos em apuros... Já imaginava.

Julia olha no fundo do saco.

Julia – Esperem um momento... Também há quatro barras de ouro no fundo do saco...

Fausto examina o conteúdo do saco.

Fausto – Quatro barras? Deveriam ser oito! Onde estão as outras?

Fausto olha para eles com suspeita.

Nina – Assim, ele nos chama de ladrões, avô...

Fausto – O que a sua mãe fez com o resto?

Pedro – Talvez ela tenha gastado.

Julia – Enquanto nós sangramos para pagar o seu lar de cuidados...

Pedro – Quanto valeria em euros, quatro barras?

Nina – Depende do preço do ouro, mas deve ser uma boa quantia...

Pedro – Se ignorarmos as notas que já não podem ser trocadas, não deve ser muito.

Julia – E agora, o que fazemos?

Pedro – Dividimos?

Nina – Mas é dinheiro roubado!

Julia – É dinheiro de um banco, eles são os ladrões.

Fausto – Agora é verdade que dividido em quatro... Uma barra para cada um... Não iríamos muito longe com isso... Especialmente eu...

Julia – Poderíamos investir tudo em um negócio de cama e café no campo e cuidar dele juntos. A família finalmente estaria reunida!

Nenhum entusiasmo dos outros três.

Fausto – Ou poderíamos apostar tudo no pôquer e que vença o melhor...

Pedro – Pôquer? Vamos lá! Ele passou os últimos vinte anos de sua vida jogando cartas com seus companheiros de cela. É como jogar Scrabble com um acadêmico.

Nina – Nesse caso, um jogo de azar.

Fausto – Roleta russa?

Pedro – O avô está brincando...

Julia – Podemos jogar isso no Monopoly!

Surpresos, os outros três.

Escuro

Ato 4

Eles começaram um jogo intenso de Monopoly, num ambiente de casino.

Nina – É a primeira vez que jogo Monopoly com notas reais...

Nina lança os dados.

Julia – Mesmo que sejam pesetas... que já não podem ser trocadas por euros.

Nina – Cinco. Sorte. (*Tira uma carta*) Você ganhou o segundo prêmio de beleza. 10.000 pesetas...

Pedro lança os dados.

Pedro – Sete. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete... Estação de Atocha, eu compro!

Nina – De Atocha?

Fausto lança os dados.

Fausto – Três. Um, dois, três... Caixa da Comunidade. (*Lendo a carta*) Você saiu da prisão. Esta carta pode ser guardada até que seja usada ou vendida. Vou guardar...

Julia lança os dados.

Julia – Oito. Paseo del Prado. É meu. Coloco uma pousada e três quartos para hóspedes...

Nina lança os dados.

Nina – Dois. Um, dois. Vá para a prisão... Isso é o que vai acontecer connosco, eu lhes digo...

Pedro lança os dados. Ouve-se uma sirene de polícia ao longe.

Pedro – Quatro. Um, dois, três, quatro... Sorte. O Banco Espírito Santo lhe dá 30.000 pesetas para sua instalação.

Nina – Pesetas...

Pedro – Trabalhei neste banco espanhol no início da minha carreira. O banco deu este Monopoly para você quando abrimos a sua primeira conta poupança...

Fausto lança os dados.

Fausto – Onze. Barrio Chino! Eu compro! Coloco dois motéis e três bordéis...

Fausto se prepara para pegar dinheiro diretamente do banco. Nina reage imediatamente apontando-lhe a arma.

Nina – Não toque no dinheiro, avô! Eu estou de olho no banco! (*Fausto aponta a sua arma na direção de Nina.*) Eu tenho a real, recomendo que se renda...

Fausto cede e baixa sua arma.

Fausto – Dói-me que a minha própria neta suspeite da minha honestidade.

Alguém bate à porta. Todos ficam imóveis.

Julia – Quem pode ser a esta hora?

Nina – Não ouviram a sirene da polícia?

Pedro – Acho que o jogo terminou...

Nina – Não tão rápido... Não se pode interromper um jogo de Monopoly assim... Vou verificar... (*Nina se levanta.*) Pai, cuide do banco.

Pedro – Não se preocupe, estou acostumado.

Eles esperam um momento olhando-se com suspeita.

Julia – Mais um pouco de vinho de ameixa?

Nina volta.

Pedro – E então?

Nina – Eram os colegas... Para saber se por acaso o fugitivo se refugiou na casa do filho...

Fausto – E então?

Nina – Mostrei-lhes a minha placa de polícia...

Fausto (*aliviado*) – O sangue não mente... Agora és verdadeiramente parte da família.

Nina – O jogo continua...

Julia lança os dados.

Julia – Doze. Calle de Alcalá!

Pedro – É minha! Com um hotel, 200.000 pesetas.

Julia – E aqui estou indo à falência... (*Para Pedro*) Mas afinal, estamos casados em comunhão de bens, não é?

Nina lança os dados.

Nina – Sete. Pague uma multa de 10.000 pesetas ou tire uma carta de sorte. Vou tirar uma carta de sorte. (*Tira uma carta e empalidece*) Encontro na Puerta del Sol...

Pedro – Também é minha! Com um hotel, 400.000 pesetas.

Nina – Também estou falida...

Pedro (*para Fausto*) – Agora somos só você e eu... (*Pedro lança os dados.*) Prisão, só de visita...

Fausto lança os dados.

Fausto – Vá direto para a Estação de Atocha. O que planejo fazer quando sair daqui é ir a Estação do Oriente. Estará menos vigiada do que os aeroportos...

Pedro lança os dados.

Pedro – Estacionamento gratuito...

Fausto lança os dados.

Fausto – Nove... Puerta del Sol.

Pedro – É minha! 400.000 pesetas!

Fausto – Eu declaro falência...

Julia – No final, sempre é o banco que ganha...

Então, Fausto faz um movimento rápido para pegar a arma de Nina e ameaça os outros com ela.

Fausto – Desculpem, mas realmente não tenho escolha... (*Os outros três levantam as mãos.*) Isso é um assalto. Não façam movimentos bruscos e tudo correrá bem. Me dêem o dinheiro...

Escuro.

Ato 5

De ambos os lados do cuco, Pedro e Julia, sentados em suas poltronas, passam um baseado. Na mesa de centro, há dois copos e uma garrafa. O cuco canta três vezes.

Pedro – O cuco sempre canta três vezes...

Julia – Mmm...

Pedro – Pensei que já estivesse funcionando.

Julia – Funciona.

Pedro – Que horas são?

Julia – São três.

Pedro – Ah, entendi...

Silêncio.

Pedro – Não sei se ele vai muito longe com suas barras de ouro.

Julia – Talvez até a fronteira.

Pedro – Espero pelo menos que ele nos envie um cartão-postal...

Julia – Mmmm.

Pedro – E seus pais, como estão? Já faz um tempo que não os vemos... Eles não terão morrido, certo?

Julia – Não, não.

Pedro – Quantos anos eles têm agora?

Julia – Já não sei... São tão velhos... Começo a me perguntar se não vou morrer de velhice antes deles...

Pedro – Realmente, não temos sorte...

Julia – Por que você diz isso?

Pedro – Poderíamos ter esperado que o destino nos desse uma mão...

Julia – Vamos lá, não seja tão pessimista... É preciso ver o copo meio cheio... (*Pega a garrafa e enche os dois copos.*) Nunca ganhamos na loteria, mas também nunca tivemos doenças graves.

Pedro – Mmm... Nunca uma auditoria fiscal...

Julia – Nem mesmo fomos escolhidos para ser jurados em um tribunal.

Pedro – Você está certa. Não nascemos sob uma estrela boa, mas também não sob uma má.

Julia – Deve ser que nascemos sob um céu sem estrelas.

Pedro – Ninguém deve ter percebido que nascemos.

Julia – E quando não estivermos mais aqui, ninguém perceberá também.

Pedro – Somos como passageiros clandestinos nesta nave fantasma chamada Terra...
Continuam bebendo e fumando em silêncio.

Julia – Se continuar assim, poderemos jantar no terraço.

Pedro – A Nina vem jantar connosco na véspera de Natal?

Julia – Claro.

Pedro – Ela finalmente trouxe o peru?

Julia – Sim. Mas acho que desistiu de fazer pombo.

Pedro – Melhor assim.

Julia – Uma pena que seu pai não pôde ficar, teríamos passado uma noite em família.

Pedro – Ele chegou como o Papai Noel, mas está saindo com os presentes.

Julia – Não importa, teremos um pequeno jantar tranquilo de véspera de Natal.

Pedro – Nunca mais poderei jogar Monopoly na minha vida.

Julia – Você está certo. Depois de uma partida assim, todas as outras só poderiam ser decepcionantes... (*Silêncio*) E se abirmos de qualquer maneira esses quartos de hóspedes?

Pedro – Acabei de descobrir que meu cargo no banco foi eliminado... Já não podemos contar com minha herança... E ainda temos minha mãe nas costas... Então, posso tentar não ver apenas a garrafa meio vazia, mas...

Julia – Encontrei a garrafa meio cheia.

Pedro – Desculpe?

Julia – Descobri o que sua mãe fez com a outra parte do espólio.

Pedro – O quê?

Julia – O relógio cuco.

Pedro – O relógio cuco?

Julia – Os contrapesos são de ouro maciço... E com a crise financeira, o preço do metal amarelo quadruplicou nos últimos anos...

Pedro – Isso não pode ser!

Julia – Quando ainda estava em seu juízo perfeito, sua mãe deve ter derretido metade de seus lingotes para fazer contrapesos. Caso a polícia encontrasse o resto.

Pedro – O ouro ainda é um refúgio seguro. Juntamente com a família, é claro...

Julia – E então?

Pedro – O quê?

Julia – Os quartos de hóspedes?

Pedro – Por que não. No campo, vou ficar tão entediado que serei obrigado a escrever meu livro...

Silêncio.

Julia – Você tem certeza de que aquele cara era mesmo seu pai?

Pedro – De qualquer forma, ele conhecia bem minha mãe... Mas não sei por que sempre pensei que era filho do jardineiro...

Julia – Sua mãe tinha um caso com o jardineiro?

Pedro – Isso explicaria o misterioso acidente doméstico do qual ele foi vítima...

Julia – Sem mencionar sua inclinação pela jardinagem.

Pedro – E se meu pai for o jardineiro, pelo menos sei onde encontrá-lo. No jardim.

Julia – Sim... Mas não no nosso...

Silêncio.

Julia – Ainda tem algumas sementes de tomate cereja?

Pedro – Não. Fumamos todas.

Julia – Quando estivermos no campo, você terá que plantar mais.

O relógio cuco começa a cantar incessantemente, emitindo sons completamente novos.

Preto.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentista na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Cara ou coroa
Crise e Castigo
Encontro na plataforma
Euro Star
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O cuco
O genro perfeito
Pequeno homicídio sem consequências
Plagio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-988-1

Documento para download gratuito